

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



alusão ao mito de Erecteu (p. 4). De igual modo, E. Harrison critica a posição de Connelly, quanto a nós convincentemente, afirmando que dificilmente se tratará de outra representação que não da *pompe* ateniense. Apesar de citado, o artigo de Connelly salienta-se pela ausência nesta colectânea, visto que dois dos textos o criticam e que ele se torna desse modo referencial. Talvez, portanto, devesse ter sido aqui incluído. O estudo final, de H. Shapiro, funciona como enquadramento histórico das Panateneias, tendo como referência temporal principal o tempo de Péricles (pp. 215-225). Por isso mesmo, deveria talvez ter aberto este conjunto de estudos.

O livro editado por J. Neils, que tem como principal mérito o estudo de um acto sócio-religioso de importância primordial para se compreender a cultura grega e a organização e mentalidades dos Gregos no seu período clássico, é enriquecido com índices de passos citados e temático e bibliografia actualizada. Os vários estudos são também acompanhados de várias ilustrações, onde se podem ver exemplos de frisos arquitectónicos e de cerâmica grega relacionada com as Panateneias.

Nuno Simões Rodrigues

HOMERO, *Odisseia*. Introdução e tradução de Frederico Lourenço (Lisboa, Livros Cotovia, 2003) 399 p.

A *Odisseia* nesta nova roupagem de verso solto, ritmado e de fôlego amplo é convite à leitura e leva-nos embalados na fruição ritmada do texto e das descrições e episódios do poema.

Corriam em Portugal duas versões da *Odisseia*, uma publicada pela Europa-América, feita a partir de uma tradução francesa, que não merece confiança; a outra, da autoria do Padre Alves Correia e depois significativamente melhorada pelo Padre Dias Palmeira, foi realizada directamente do texto grego, mas sobre ela passaram já cerca de cinquenta anos. E esse tempo, em obras como os Poemas Homéricos a respeito dos quais são publicados anualmente dezenas de estudos, alguns deles com avanços importantes para a sua compreensão, marca de forma determinante a tradução. Daí que seja de saudar a nova versão da *Odisseia*, da autoria de Frederico Lourenço, pensada para um público generalizado e não apenas para especialistas e filólogos. De forma efusiva o faço e explico de seguida as minhas razões.

A nova tradução -- publicada pelos Livros Cotovia, em excelente papel e boa qualidade gráfica, o que torna o próprio livro num objecto estético --, em vez de ser uma versão em prosa, como as anteriores, opta pela utilização do verso. Não se trata, no entanto, de um verso isossilábico, mas de versos abertos e flexí-

veis, que procuram manter-se entre as doze e as dezassete sílabas, as que podem ter um hexâmetro, metro em que estão compostos os Poemas Homéricos. Justifica assim Frederico Lourenço a sua opção, no prefácio (p. 8): «o facto de o hexâmetro clássico não derivar a sua cadência da categoria "rima", mas sim da categoria "ritmo", incentivou-me a cultivar um tipo de verso de extensão moldável, com vincados contornos rítmicos, que do original retivesse alguns ecos da característica "pulsção das sílabas" (no sugestivo dizer de Eugénio de Andrade em *O Sa/da Língua*)». Considero uma opção acertada que valorizou muito a cadência do texto da tradução. E, sem o interromper com notas e explicações, deixou que o ritmo desse verso aberto vivesse e respirasse na leitura, valorizando-o com o recurso a rimas internas, assonâncias, manutenção das fórmulas e epítetos que são característica do estilo homérico. Desse modo obteve um verso solto, ritmado, cadenciado. Assim conseguiu Frederico Lourenço transmitir algo do andamento estilístico homérico e dar a ideia de repetição e de língua formular que é a da *Ilíada* e da *Odisseia*. É evidente que essa busca de correspondência exige esforço, trabalho, argúcia e sensibilidade literária e implica bom conhecimento da língua do original e da língua para que se verte, como é o caso de Frederico Lourenço. Não foram, por outro lado, contributo de somenos a sua boa formação em crítica textual e métrica grega. Dos muitos passos que poderia escolher de boa cadência e adequado balanceamento do texto da tradução (e. g. 2.146-176; 5. 215- 224, 267-274, 291-423; 13. 194-199, 217-226, 237-249, 344-360; 16.135-145), opto pelos versos 451-463 do Canto 5 que descrevem a chegada de Ulisses exausto à Esquéria, depois do grande esforço para escapar à tempestade:

Assim falou. De imediato o deus fluvial fez cessar a corrente,
 reteve as ondas e espalhou a acalmia; assim o trouxe a salvo
 até à embocadura do rio. Então deram de si os joelhos
 e as possantes mãos de Ulisses. O mar esmagara-o.
 Todo o corpo estava dorido e água salgada corria-lhe
 da boca e das narinas, Jazia sem fôlego, incapaz de falar,
 incapaz de se mexer. Apoderara-se dele um cansaço ingente.
 Quando voltou a si e ao peito regressou o alento,
 desprendeu do corpo o véu da deusa marinha e deixou
 que caísse no rio que fluía em direcção ao mar.
 Uma onda forte levou-o na corrente e de imediato Ino
 recebeu o véu nas mãos. E afastando-se do rio, Ulisses
 ajoelhou-se num canavial e beijou a terra dadora de cereais.

A "Introdução" (pp. 11-22) foca os problemas essenciais relativos à *Odisseia* e dá ao leitor os instrumentos fundamentais para melhor apreciar o poema: recepção do poema ao longo dos tempos, sua datação e composição, relação dessa composição com a introdução da escrita alfabética na Grécia; o herói do poema,

seu nome e significado ou simbolismo; relação da *Odisseia* com narrativas orientais; diversas teorias que o procuram explicar, como estruturalismo, 'estudos de género', narratologia; conteúdo e incongruências do poema e suas diversas partes (Telemaquia, *nastos* de Ulisses, vingança do Cefalénio); controvérsia sobre as possíveis interpolações, como a Telemaquia; a existência de uma personagem em formação, Telémaco, que ao longo do poema faz a transição da adolescência para a idade adulta, facto que foi aproveitado por muitos educadores que com o nome do filho de Ulisses publicaram obras que visam oferecer o príncipe de Ítaca como modelo a educandos e discípulos; os cantos relativos aos episódios fantásticos (9-12) e significado dessas histórias; episódios mais belos e comoventes, como o reencontro do herói disfarçado de mendigo com o seu velho cão, o encontro de Ulisses e Penélope em que esta não se mostra menos astuta do que o marido; a recepção do poema.

E compreensível que, em obra desta extensão, cerca de 12 000, possam existir imprecisões ou passos, cuja tradução - ou melhor, a forma encontrada - pareça menos conseguida ou nos agrada menos: por exemplo, pessoalmente preferia a palavra 'regresso' (que aliás utiliza, por exemplo, em 5. 220) a 'retorno' para traduzir *nastos*, se bem que não deixe de reconhecer que 'retorno' apresenta o timbre o que se encontra no termo grego. Também não é muito do agrado da minha sensibilidade a tradução de «nunca vindimado» para o epíteto *atrugetos* aplicado ao mar; nem me parece «belas joelheiras» a melhor solução para traduzir *euknêmides*, já que a cnémide é mais do que uma simples joelheira. Não vou, no entanto, insistir nessas discordâncias nem as valorizo demasiado, por considerar que podem cair dentro da franja cinza da sensibilidade literária e cadência rítmicas pessoais. Sempre pergunto, apesar de tudo, porque não foi considerada - pelo menos não aparece referida - a edição da *Odisseia* de Helmut van Thiel (Hildesheim, 1991), que vai sendo considerada, actualmente, a melhor do poema; direi também que a teoria da composição oral de Milman Parry, embora os seus ensaios tenham sido reunidos em volume em 1971 pelo filho Adam Parry, com o título *The Making of Homeric Verse. The collected papers of Milman Parry* (Oxford), começou a ser divulgada em 1928 com a publicação, em Paris, de L' *Épithète traditionnelle dans Homère. Essai sur un problème de style homérique*. Talvez Frederico Lourenço esteja consciente disso, apesar da seguinte formulação que surge na "Introdução" (p. 15): «um pouco à semelhança do que sucedeu na sequência da publicação, em 1970, dos ensaios de Milman Parry concernentes à técnica oral nos poemas homéricos».

Por outro lado as correspondências portuguesas para as fórmulas e epítetos homéricos têm de modo geral a minha concordância, algumas são felizes, mesmo: destaque, e. g., «que sois para sempre» para *aién eóntes*. No entanto, não me parece a mais adequada a formulação encontrada para *épea pteróenta*, ao verter por «palavras apetrechadas de asas», ainda que, nas páginas 8-9, procure explicar e

justificar essa sua opção; não só não obtemos uma correspondência consonántica total, como também e sobretudo ficamos com uma expressão portuguesa extensa e pesada, em que não sinto traduzido o voo do sintagma grego. Também me pergunto o porquê das traduções diferentes para o epíteto de Zeus *nephelegeréta* «que comanda as nuvens» (e. g. 5. 21) e «que amontoa as nuvens» (e. g. 13. 139, 153). Não considero «morte escarpada» a interpretação mais feliz para *aipún ólethron* (1. 11). Gostaria mais, por outro lado, que, no verso 2. 257, a tradução mantivesse a dupla acção ligada por copulativa - algo como «Assim falou e dissolveu a assembleia basicamente» -, em vez «Assim falou, dissolvendo rapidamente a assembleia».

Apesar de discordâncias que sempre existem e de possíveis imperfeições que sempre será possível apontar - a perfeição é própria dos deuses e nós somos humanos - é evidente a mestria, competência, sensibilidade estética demonstrada por Frederico Lourenço. Pessoalmente sou um entusiasta do produto final, tal como nos chegou às mãos, e aconselho a sua leitura, vivamente, a todos. Com as minhas sinceras felicitações, fico à espera da prometida tradução da *Iliada*.

José Ribeiro Ferreira

Constituição dos Atenienses e Os Económicos (Lisboa, 2003 e 2004). Duas obras de Aristóteles traduzidas e comentadas por Delfim Ferreira Leão.

Delfim Leão interessa-se pela teoria política há vários anos. Prova-o a tese de Doutoramento sobre Sólon, precisamente intitulada *Sólon. Ética e Política*, defendida em Coimbra, em 2000, e publicada pela Fundação C. Gulbenkian, na colecção "Manuais Universitários", em 2001.

Desse interesse nasceu, naturalmente, a ideia de proceder à tradução da *Constituição dos Atenienses* de Aristóteles, publicada na colecção "Textos Clássicos" da mesma Fundação C. Gulbenkian - a primeira que dessa obra, na íntegra, em Portugal se apresenta. Temos que saudar esta tradução, pelo seu relevante interesse como fonte para o estudo da democracia ateniense e também por ser da única *politela* que nos chegou, quase completa, das 158 compostas na escola do Estagirita e preparadas sob e sua orientação.

Na breve introdução que precede a tradução, Delfim Leão começa por abordar, de forma sucinta, a descoberta do texto e sua publicação (pp. 1-3): em 1879, Blass edita os dois fragmentos de papiro do Aegyptisches Museum, de Berlim; em 1891, F.G. Kenyon publica a *editio princeps* da *Constituição dos Atenienses*, baseada num manuscrito existente no British Museum, de que sairiam mais